

A MORAL DA INFIDELIDADE

Roger Bundt*

Resumo

Através das representações da infidelidade conjugal encontradas em três filmes do diretor Adrian Lyne realizados nas décadas de 1980, 1990 e 2000 (*Atração Fatal*, *Proposta Indecente* e *Infidelidade*), busca-se entender as idéias trabalhadas em cada obra, as maneiras de representar a mulher, a família, a relação amorosa e a monogamia, a partir das noções de dever e moral trabalhadas por Gilles Lipovetsky.

Palavras-chave

Infidelidade – Casamento - Moral

Abstract

Through the representations of the conjugal infidelity found in three films of the director Adrian Lyne carried through in the decades of 1980, 1990 and 2000 (*Fatal Attraction*, *Indecent Proposal* and *Unfaithful*), one searches to understand the ideas worked in each work, the ways to represent the woman, the family, the loving relation and the monogamy, from the slight knowledge of duty and moral worked by Gilles Lipovetsky.

Key Words

Infidelity – Marriage - Moral

O século XX trouxe em seu decorrer o questionamento de diversos dogmas sociais. Entre esses, a discussão da relação conjugal monogâmica na sociedade ocidental judaico-cristã e o papel da mulher nessa relação. A flexibilização das noções de dever e fidelidade conjugal se dá na medida em que o individualismo ganha força nessa sociedade que reavalua, repensa e remodela seus valores e suas normas de ação de acordo com uma moral específica para cada situação, não mais seguidora de uma tradição repressora e unificadora das condutas pessoais.

O objetivo deste artigo é analisar três formas específicas de representação dessas condutas, encontradas na obra do cineasta britânico Adrian Lyne, em cuja filmografia chama atenção a repetida abordagem das relações amorosas¹. O foco será dado nos filmes que tratam diretamente sobre a questão da infidelidade conjugal, a saber: *Atração Fatal*, *Proposta Indecente* e *Infidelidade*. Todos os três filmes tiveram lançamento no mercado de salas de cinema e de vídeo doméstico internacionais, alcançando marcas respeitáveis de público e, conseqüentemente, gerando discussões acerca de seus temas².

A idéia que permeia este artigo é que os três filmes analisados exibem três momentos ou idéias diferentes sobre fidelidade e o papel da mulher, socialmente e na relação conjugal, apoiando-se em reflexões sobre o dever, a moral, a ética e a liberdade sexual na obra do filósofo Gilles Lipovetsky, em especial *A sociedade pós-moralista*, *Metamorfoses da cultura liberal* e *A terceira mulher*.

A MORAL E A MULHER PARA LIPOVETSKY

A palavra *ética* vem do grego *ethos*: “designa, por um lado, o modo de ser próprio de cada um, por outro, o conjunto dos hábitos, dos comportamentos, dos costumes, indicando o lugar habitual, correto das coisas ou o lugar criado e conquistado pelo homem” (KUIAVA: 1996, p. 96). Assim, é definida como uma *doutrina dos costumes*, da mesma forma que o conceito de moral. DeCarli e Martta (2006), entretanto, alertam:

Embora ética e moral signifiquem a mesma coisa e digam de um comportamento, de uma maneira de ser do homem, elas não

podem ser confundidas (...), elas se diferenciam a partir da reflexão sobre o modo de agir do homem. (...) Portanto, refletir sobre a moral vigente ajuda a pensar sobre a subjetividade de determinada cultura em determinada época histórica.

O cinema é uma forma legítima para servir de reflexão sobre concepções e formas de representação da sociedade, dado seu grande poder de penetração nas mais variadas camadas sociais e também sua abrangência geográfica, transpondo continentes, ultrapassando barreiras lingüísticas.



Os conceitos de Moral e Ética há muito se confundem, mas atualmente Ética é a palavra corrente, inclusive substituindo Moral de maneira genérica. Para efeitos de conceituação, neste texto, entende-se por Moral o conjunto de costumes que regem um determinado contexto social, fruto de uma visão de mundo historicamente construída, e por Ética depreende-se a reflexão sobre a Moral, num nível mais elevado de discussão, idealmente independente dessas visões de mundo, superior a elas, se possível. Portanto, a discussão neste artigo é um exercício de ética sob um olhar sociológico e, se bem sucedido, filosófico.

A crise moral vivida na contemporaneidade, alegada pelo senso comum e corroborada pela indústria cultural (e vice-versa), tem diversos aspectos que podem ser considerados típicos da evolução dos direitos e deveres do indivíduo perante si, a família, a sociedade, caracterizado pelo desprendimento de suas obrigações para com esses dois últimos, mais a pátria e as virtudes enlevadas pela religiosidade. Lipovetsky (2004, p. 23) fala que o “sentimento de dissolução da moral se acentuou com o recuo da influência da Igreja, com a ascensão da época

do rei dinheiro e do neo-individualismo”. Ainda assim, identifica-se hoje um tempo no qual convivem esse culto ao individualismo e a busca por uma forma de conduzir a vida dentro de padrões morais evolutivos – ou evoluídos, conforme o observador preferir. Ele discrimina três “tipos-ideais” (op. cit., p. 24) na história da moral do Ocidente, a partir dos quais explica as mudanças de valores sociais:

1 Era teológica, quando a moral estava atrelada à Religião e à Bíblia, fora das quais não havia verdadeira virtude, vai dos meados do século XV até o fim do século XVII;

2 Era laica moralista, que se estende até a metade do século XX, fruto das idéias racionais iluministas, pressupunha que “os deveres para com o homens primam em relação aos deveres com Deus” (op.cit, p. 25). O dever consistia de entrega e abnegação para com a família, a pátria e a história, em termos de rigor e sacrifício;

3 Era pós-moralista, vista pelo autor como surgida pelos anos de 1950/60, é característica de uma “sociedade que exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, do que o ideal de abnegação”, fruto de uma cultura que “não é mais dominada pelos grandes imperativos do dever sacrificial e difícil, mas pela felicidade, pelo sucesso pessoal, pelos direitos do indivíduo, não mais pelos seus deveres” (op. cit., p. 26).

As eras morais religiosa e laica se renderam, segundo DeCarli e Martta (2006), a uma “ética individualista flexível”, o que “é uma das fontes do desconforto e mal-estar na contemporaneidade, (...) o bom, o justo e o ético passam a ser descritos como instrumentos de utilidade ou interesse dos indivíduos ou de instituições que não estão engajadas com o todo”. O comportamento do indivíduo passa por um raciocínio que justifica suas condutas de acordo com seus objetivos e necessidades em todas as esferas da sua vida.

Contudo, Lipovetsky (2004) pensa que essa aparente desordem traz de dentro desse pseudocaos uma solução, um rearranjo dos valores baseados justamente nos direitos do indivíduo, respeitando-se as diferenças e as liberdades numa

sociedade que ele chama de *pós-moralista* por acreditar, justamente, que a moral não se extinguiu, mas se renovou dentro desses preceitos de respeito às individualidades. É dessa forma que o autor entende e endossa o aumento das ações de voluntariado, ajuda ao próximo, ética empresarial e responsabilidade social por parte das corporações, dentro dessa sociedade onde a Religião e o Estado não funcionam mais como os reguladores exclusivos e repressores das singularidades.

Com certeza, um dos grandes propulsores dos questionamentos que levaram a sociedade ocidental a questionar os valores vigentes foi a luta feminista e o revolver do papel da mulher nesses espaços e tempos. Lipovetsky (2000) observa o papel social da mulher através da história e, a exemplo das três fases da moral, traça três tipos de olhar sobre a mulher, categorizando-a em:

1 Mulher *depreciada*, cuja única função é a reprodução. Esta mulher não desfruta de poder nem visibilidade, mas é temida por seus misteriosos poderes que remetem à Eva, ao Mal. Reconhece-se nela a capacidade destrutiva do mundo masculino, a bruxa que era jogada à fogueira quando se recusava a professar a lei do homem. Até meados do século XVIII foi essa a idéia do feminino que assombrou o imaginário dominante;

2 Mulher *enaltecida*, guardiã da família e dos bons costumes, situada entre a era anterior e o fim da II Guerra, representada pela publicidade estadunidense dos anos 1950 como a responsável pela felicidade da família. Subordinada à alegria de servir ao lar, a esta mulher é dada somente essa única alternativa de vida doméstica como válida, cabendo às desviantes desse sistema (divorciadas, solteiras, profissionais do sexo) o estigma;

3 Mulher *indeterminada*, resultante dos movimentos feministas e das lutas pelos direitos à profissão, ao voto, ao sexo livre, ao próprio corpo, à vida sentimental, à família, ou seja, pelos direitos de escolha ou negação de todos ou alguns desses papéis. Indeterminada, porque para esta mulher tudo é uma questão de escolha, ela se determina a partir das opções que estão disponíveis, ela se inventa. Conforme Lipovetsky (2000, p. 237), “a segunda mulher era uma criação

ideal dos homens, a terceira mulher é uma autocriação feminina”.

Ligando as questões sobre o Feminino da Moral, percebe-se que as três eras da moral e as três mulheres identificadas por Lipovetsky são coevas. Ao mesmo tempo em que a mulher reivindica seu espaço na sociedade, o indivíduo se liberta das imposições do dever. Isso equivale a dizer que esses movimentos não se dissociam quando acontecem as mudanças, que acabam sendo todas englobadas nos processos de contestação das ideologias de um determinado tempo.

TRÊS FILMES, SEIS MULHERES

O cinema é uma forma legítima para servir de reflexão sobre concepções e formas de representação da sociedade, dado seu grande poder de penetração nas mais variadas camadas sociais e também sua abrangência geográfica, transpondo continentes, ultrapassando barreiras lingüísticas. Machado (In CHALUB, 1996) diz que o espectador de cinema é tanto paciente quanto agente do que está exposto na tela. Os acontecimentos do filme, como num sonho, capturam o espectador, colocando-o no centro de um processo de significação, onde filme e espectador interagem conectando sentidos pré-construídos dos dois lados.

Nos filmes analisados é possível perceber a tessitura das idéias de mundo compostas pelas mudanças de valores sociais anteriormente abordadas. A seguir, traz-se um pequeno resumo de cada um, para situar o leitor nas tramas e personagens, para daí compreender as idéias desenvolvidas a partir delas.

Atração Fatal conta a história de Dan Gallagher, um bem sucedido advogado novaiorquino que aproveita uma viagem da mulher e filha para consumir um romance de fim de semana com uma executiva de comportamento sexualmente agressivo e liberal, chamada Alex Forrest. O caso tem um cunho eminentemente sexual e, quando a família de Dan retorna, ele interrompe a relação. A partir daí, a amante, que antes se comportava como uma mulher liberada e independente, passa a exigir dele cada vez mais atenção, tentando o suicídio quando é abandonada, simulando uma gravidez, intrometendo-se na vida

familiar e profissional de Dan, ameaçando contar à sua esposa sobre o caso. A situação chega a um ponto em que ele se vê obrigado a contar tudo para Beth, sua esposa. Inicialmente contrariada, ela se alia ao marido para combater a ameaça que Alex passa a representar para cada um deles. A ex-amante leva sua obsessão às últimas conseqüências invadindo a residência da família, e acaba morta pela esposa-rival, defendendo seu marido.



Proposta Indecente começa com as dificuldades financeiras de Diana e David, um apaixonado casal correndo o risco de perder seu parco patrimônio, inclusive a casa em que vivem. Depois de tentarem a sorte num cassino e perderem mais dinheiro ainda, eles conhecem John Gage, um charmoso bilionário que imediatamente se interessa por Diana. Após uma afável conversa sobre dinheiro e posses, ele alega que tudo está a venda, ao que o casal contesta. Para comprovar seu ponto de vista, Gage propõe aos dois pagar um milhão de dólares por uma noite com Diana, deixando-os primeiro ofendidos e depois confusos. Eles cedem à proposta e, após alguns meses, começam a se desentender por causa da sua atitude, separando-se. Ela vai viver com Gage e, tempos depois, num reencontro inesperado entre os três, David doa o dinheiro para caridade, e Gage diz a ela que volte para o marido, pois eles se amam, e dinheiro nenhum no mundo pode separá-los.

Infidelidade é sobre um casal e o caso extraconjugal da esposa. Connie é casada com Edward, sua vida com o marido e o filho é absolutamente normal e feliz. Num dia qualquer, ela literalmente tomba na rua com um jovem livreiro francês chamado Paul e fica curiosa sobre

ele, que, sedutor, a convida para ir até sua casa. Curiosidade transformada em atração, ela volta a procurar por Paul. Após algumas hesitações, os dois iniciam um romance que altera o comportamento de Connie, o que imediatamente desperta a desconfiança do marido, levando-o a contratar um detetive para seguir a mulher e confirmar suas suspeitas. Edward vai até a casa de Paul, eles conversam abertamente sobre ela e, num ímpeto, agride o rapaz com um golpe fatal. Refeito da crise, Edward começa a apagar suas pistas e a desfazer-se do cadáver, quando o telefone toca, ele escuta a voz de sua esposa deixando um recado no telefone terminando seu caso com Paul, dizendo que isso está prejudicando sua família. Eventualmente, Connie descobre que foi Edward quem assassinou Paul, e os dois passam a dividir a culpa pelo crime, carregando-a junto com seu casamento, que se refaz nessa necessidade de cumplicidade entre os dois.

Nos três filmes, é possível compreender, nas relações dos casais quando confrontados com a questão da infidelidade a discussão que é muito mais contemporizadora do que acusadora sobre o caso do cônjuge. A noite de Diana com Gage foi um acordo comum entre ela e o marido; não se pode falar em infidelidade, mas em um “mal necessário” para se atingir um objetivo; há inclusive um advogado a intermediar “contratante” e “contratados”, desqualificando traição e qualificando transação, prestação de serviços – sinal da evolução dos tempos é também que, em nenhum momento do filme, a palavra *prostituição* é referida para qualificar o que se estabelece entre as três personagens. Quando Beth ouve da traição de Dan ela não pergunta por que ele a traiu, mas o que ele pretende fazer agora que sua aventura se tornou um problema maior do que uma suposta crise do casamento; já quando Edward confronta Connie, ele pergunta se não deu tudo que ela queria, pois ele vinha se sacrificando pela união dos dois, mudou da cidade para o subúrbio por causa dela.

Em nenhum dos filmes o cônjuge parece esperar pela traição, mas também não esboça uma reação exacerbada ao saber sobre a mesma, como se fosse algo normal, ao menos não completamente impossível ou distante de suas vidas – claro, tanto Edward quanto Beth matam seus rivais: mas no primeiro caso é um ímpeto, do qual a personagem passará o resto da vida arrependendo-se; no segundo caso também há uma “justificativa”, já

que Alex era uma ameaça real para toda a família Gallagher.

No caso de *Proposta Indecente*, o acordo entre Diana e David começa a roer após a negociação, pois David encontra o cartão de Gage na carteira da esposa e não consegue conviver com a suspeita de que a mulher gostou do bilionário, fazendo o casamento entrar em crise. Num primeiro momento, o dinheiro é a solução imediata para os problemas do casal, mas, logo depois, a culpa do marido por ter submetido a mulher àquela situação, mesclada ao ciúme e a uma certa sensação de inferioridade perante o poder de Gage, levam-no a questionar sua decisão e a transferir a culpa para a esposa. Diana tem a característica da mulher idealizada, pois aceita o sacrifício de entregar-se para ajudar o marido. Ela é tratada o filme inteiro como objeto de afeição tanto pelo marido quanto pelo outro homem, como um ideal de mulher a ser cortejada, mantida, idolatrada, amada, enfim.

A questão moral tratada pelo filme, de que tudo tem um preço, inclusive o voto de fidelidade que o casal pronuncia em seu casamento perante Deus e a Igreja, é levada de forma a criar no público a sensação de que eles, mesmo apaixonados e felizes em meio a suas mazelas financeiras, irão, no mínimo, ficar muito tentados com a tal proposta indecente, afinal, *dinheiro é dinheiro*. Um bilionário bem educado, de “fala mansa”, com a classe emprestada por Robert Redford, que não se comporta como um canalha, mas sim como um homem agradável, consciente de seu poder, e que no fim demonstra ter sentimentos por Diana, provoca a idéia de que a traição se justifica pela carestia do casal, pelo proponente não ser assim tão horrível nem desagradável ou mau-caráter. De todas as formas, a mensagem de que o amor supera tudo prevalece, pois o casal rejeita a oferta depois de tê-la aceitado, sobrevive à maior prova de todas e até se fortalece com ela – o que não deixa de ser uma característica do filme *hollywoodiano*: o final feliz, o retorno à normalidade, que é a do casal feliz e junto até o fim da vida.

Indo à contra corrente dessas idéias está *Atração Fatal*, que mostra duas personagens femininas antagonicas e relativamente semelhantes. Alex e Beth podem ser vistas como a mulher indeterminada de Lipovetsky: independente financeiramente, solteira, sem repressões sexuais, disponível para atender seus desejos é a primeira; esposa, mãe e profissional é a segunda. Mesmo

quando a personagem de Alex dá sua reviravolta de comportamento e Beth passa a se mostrar mais ativa do que passiva na reação às ameaças, ambas são ainda indeterminadas, mas Alex encarna um lado negativo, destrutivo, dessa indeterminação, chegando a ser um exemplar daquela mulher depreciada, a ser temida, pois ela deseja destruir o que o homem já construiu de bom para si.

Buscando o contexto de realização desses dois filmes, este último foi realizado em 1987, auge da incerteza quanto à epidemia da AIDS no mundo, quando os discursos colocavam as escapulidas sexuais como extremamente perigosas, e a necessidade de fidelidade como uma das únicas soluções para a manutenção da saúde da população, além da abstinência sexual. Não se pode evitar enxergar a personagem de Alex como uma representação do que se poderia obter de uma aventura extraconjugal, e também como um alerta para os maridos infiéis do que adviria dessas atitudes. Além disso, pode-se também enxergar na trajetória dessa personagem a idéia de que, por mais liberada que a mulher indeterminada pudesse ser, ela no fundo deseja assumir seu papel doméstico: Alex deseja ser Beth, ela deseja “determinar-se”.

Os filmes trazem uma idéia, acima de todas, de que a imoralidade tem seu preço, que a harmonia familiar pode ser desestabilizada pela traição, pela cobiça, pela inconseqüência, e essa idéia permeia o imaginário social.

Já o outro filme, realizado em 1993, pode ser enquadrado dentro de um contexto de fim das ilusões quanto ao casamento monogâmico que resiste a todas as tentações, mas que se mantém firme apesar das adversidades e precisa se manter firme nesse quadro de instabilidades, até para que o sujeito encontre uma identidade no mundo dentro e a partir dessa relação.

Da mesma forma pode ser entendidas *Infidelidade* e a cobrança de Edward a Connie,

questionando-a quanto ao fato de ter recebido tudo dele, amor, segurança, atenção, e ainda assim ser insuficiente toda essa dedicação – para ele, ela era uma mulher idealizada. É interessante perceber neste filme que o título faz menção à mulher que trai e trai sem motivo aparente, numa busca por prazer, por aventura, por uma mudança em sua rotina. É interessante reparar também que ela não é julgada, a princípio, e que ela se arrepende, não pelo ato em si, que acaba anulado perante a gravidade do outro pecado, o assassinato, mas pelo que dele advém. No momento em que Connie percebe que o exercício de sua liberdade fere o marido, a família e a ela mesma, ela dá fim ao seu caso, mas aí já é tarde demais, pois algo pior já aconteceu. Comparando com Alex, Diana e Beth, Connie é a mais indeterminada das mulheres, pois ela exercita suas escolhas e, de uma forma ou de outra, lida com elas em seus aspectos negativos e positivos.

A MORAL DA INFIDELIDADE

A exigência da fidelidade nasceu como uma necessidade de um sistema patriarcal antigo que visava assegurar ao homem a paternidade de sua prole. Por muitos anos, a mulher era a responsável por esta virtude, deixando o homem livre para espalhar sua semente por onde lhe aprobelesse.

Os filmes trazem uma idéia, acima de todas, de que a imoralidade tem seu preço, que a harmonia familiar pode ser desestabilizada pela traição, pela cobiça, pela inconseqüência, e essa idéia permeia o imaginário social. Não existe ato que fique impune, especialmente no cinema norte-americano. Conforme a idéia de Machado (op. cit.), de que espectador e produto cultural se alimentam de conceitos e significados, percebe-se que as idéias das eras moralistas e dos papéis da mulher na sociedade na verdade não são consecutivos, mas concomitantes, que nada se sucede na sociedade quando se trata de pensamentos e idéias, mas convive junto, sobreposto e misturado, pois o sujeito é composto de diversas e muitas vezes conflitantes visões de mundo, dada a complexidade e a multiplicidade de maneiras de viver e relacionar-se consigo e com o outro na contemporaneidade.

A moral da infidelidade é dúbia: faça, mas agüente o tranco. Não deixe de fazer, pois sendo

fiel ao outro você está sendo infiel a si mesmo. Tudo empurra o indivíduo ao experimentalismo.

NOTAS

* Publicitário. Doutorando em Comunicação Social, PUC/RS

¹ Por ordem cronológica, sua filmografia inclui: *Foxes* (1980), *Flashdance – em ritmo de embalo* (1983), *9 ½ semanas de amor* (1986), *Atração Fatal* (1987), *Alucinações do passado* (1990), *Proposta Indecente* (1993), *Lolita* (1997) e *Infidelidade* (2002).

² Em dia 30 de junho de 2002, com três semanas de exibição nas salas de cinema brasileiras, *Infidelidade* acumulava 591.114 espectadores. Dados obtidos no sítio eletrônico <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/colunas/top-10-brasil/2002-06-28a30.asp>, acesso em 07 de setembro de 2006.

REFERÊNCIAS

ATRAÇÃO FATAL (FATAL ATTRACTION, Adrian Lyne, 1987).

CALLIGARIS, Contardo. **Terra de ninguém**. Publifolha: São Paulo, 2004.

DECARLI, Ana Mery Sehbe; MARTTA, Margareth Kuhn. **A ética do sujeito contemporâneo na fabulação cultural**. Mensagem pessoal. Mensagem recebida por <rogerbundt@terra.com.br> em 07 de agosto de 2006.

INFIDELIDADE (UNFAITHFUL, Adrian Lyne, 2002). KUIAVA, Evaldo. Ciência e ética. In: LAZZAROTTO, Valentim. (Org.). **Teoria da ciência: diálogo com cientistas**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. **A Sociedade Pós-Moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Barueri: Manole, 2005.

_____. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MACHADO, Arlindo. **Psicanálise & cinema: Sobre o sujeito da enunciação cinematográfica**. In: CHALLUB, Samira (Org.). **Psicanálise e o Contemporâneo**. São Paulo: Hacker, 1996.